

HISTÓRIA DA CHINA ANTIGA E IMPERIAL

DAMIEN CHAUSSENDE

Tradução: Helder Marques

NÃO-FICÇÃO · HISTÓRIA

Índice

INTRODUÇÃO	9
-----------------------------	----------

CAPÍTULO I

A CHINA ANTIGA.	13
----------------------------------	-----------

I. A mitologia das origens e dos primeiros soberanos civilizadores	13
II. Os vários berços de civilização na China	15
III. Os primórdios da Idade do Bronze: Erlitou.	16
IV. Os Shang e o surgimento da escrita na China.	17
V. Os Zhou Ocidentais	19
VI. Os Zhou Orientais	21
VII. As outras culturas da Idade do Bronze e da Idade do Ferro	27
VIII. As principais correntes de pensamento político da Antiguidade	29

CAPÍTULO II

OS PRIMEIROS IMPÉRIOS DOS QIN E DOS HAN

(221 A. C.-220 D. C.)	35
--	-----------

I. A criação do império por Ying Zheng, o Primeiro Imperador.	35
II. Os primeiros Han.	40

III. O reinado do imperador Wu (141-87 a. C.).	42
IV. A dinastia decadente de Wang Mang (9-23 d. C.)	45
V. Os Han Posteriores (25-220)	47
VI. O legado cultural, político e material dos Han	49
VII. O problema Xiongnu	53
VIII. As rotas da seda	54

CAPÍTULO III

A ALTA IDADE MÉDIA (SÉCULOS III-VII)	59
I. Os Três Reinos e a breve reunificação dos Jin Ocidentais	59
II. As Cortes chinesas do sul	66
III. Os reinos bárbaros do norte	68
IV. A unificação dos Sui	72
V. O budismo e o taoismo	74

CAPÍTULO IV

OS TANG E AS CINCO DINASTIAS (618-960)	79
I. A ascensão dos Tang e a sua expansão.	79
II. A revolta de An Lushan e a desintegração do império	86
III. As Cinco Dinastias e os Dez Reinos	87
IV. A civilização dos Tang	89

CAPÍTULO V

OS SONG (960-1279)	95
I. A ameaça constante da estepe.	96
II. Reformistas e conservadores	97
III. A retirada dos Song para sul	99
IV. Uma cultura letrada	102

CAPÍTULO VI

A CHINA SOB TUTELA MONGOL (1276-1368)	109
I. Gengis Khan e a conquista mongol	110
II. Os Yuan.	112
III. Um mundo aberto	116
IV. Os Mongóis após os Yuan.	120

CAPÍTULO VII

A RESTAURAÇÃO NACIONAL DOS MING (1368-1644)	123
I. Zhu Yuanzhang, o imperador Hong-Wu	123
II. O imperador Yongle e os seus sucessores	125
III. Os últimos anos dos Ming e o problema dos eunucos.	129
IV. A cultura dos Ming	131

CAPÍTULO VIII

O IMPÉRIO SINO-MANCHU DOS QING (1644-1911)	137
I. Da conquista ao apogeu.	137
II. A intrusão estrangeira e o colapso.	144
III. Os Qing: um vasto império multiétnico.	150
CRONOLOGIA	155
MAPAS	163
GLOSSÁRIO	165
BIBLIOGRAFIA	171

Introdução

De acordo com a sua narrativa nacional tradicional, a civilização chinesa tem uma história que se estende por mais de três mil anos, com raízes assentes numa sucessão de estados aristocráticos ou monárquicos cujo núcleo primitivo se situava na grande planície do norte da China, irrigada pelo rio Amarelo e conhecida como a «Planície Central».

Em chinês moderno, o nome da China deriva de *zhongguo* 中國/中国¹, que é indevidamente traduzido pela expressão «Império do Meio»; a tradução mais correcta seria «País do Meio». De facto, a China nem sempre foi um império e, acima de tudo, nem sempre esteve unificada. Em várias ocasiões ao longo da sua história, o seu território foi fragmentado entre vários poderes políticos e nem sempre foi tão extenso como é hoje. Além disso, o soberano da China nem sempre foi... chinês, uma vez que houve imperadores tabgatch (sob a dinastia Wei do Norte), mongóis (sob a dinastia Yuan) ou manchus (sob a dinastia Qing)! O termo «chinês» que usamos em português pode, na verdade, gerar

¹ Decidimos apresentar, no corpo do texto, os caracteres chineses nos dois sistemas actualmente utilizados no mundo chinês: em primeiro lugar, as grafias complexas; em segundo lugar, quando se justifica, as grafias simplificadas.

confusão: por um lado, pode referir-se ao cidadão do actual estado da República Popular, que se apresenta como um estado multiétnico, composto por 56 nacionalidades, entre as quais os Han (a população dominante em número), os Mongóis, os Manchus, os Hui, os Uigures, os Tibetanos, os Zhuang... Nesse caso, um mongol da China é um chinês. Por outro lado, este último termo também pode referir-se mais especificamente à etnia Han; daí decorre que um mongol da China não é um chinês...

Estes exemplos mostram-nos que as questões de vocabulário, etnias, território e herança cultural são um aspecto fundamental na escrita da história da China. Deve o historiador centrar a sua atenção no território e, ao fazê-lo, projectar no passado as fronteiras actuais da República Popular da China? Por exemplo, a região de Xinjiang só foi integrada na China durante a dinastia Qing, no século XVIII. Deve então excluí-la de uma narrativa histórica sobre a China dos períodos anteriores? Deve concentrar-se apenas no passado da etnia Han, mesmo que isso signifique cometer um anacronismo, uma vez que, nas fontes antigas, não se fala da etnia Han antes do século v d. C. (sob o Wei do Norte)? Deve então ignorar os feitos, as instituições e as realizações culturais das populações que não pertenciam à etnia dos Han? E o que fazer com a narrativa nacional chinesa tradicional? Será legítimo que a ignore, justificando-se com o facto de ter um ponto de vista exterior às tradições locais?

Neste domínio, convém ser pragmático e procurar um meio-termo, escolhendo, de acordo com as épocas

estudadas, entre as diferentes soluções. Escrever a história da China antiga e imperial significa, no fundo, olhar para um território da Ásia Oriental, para uma cultura específica – a dos Han e daqueles que se dizem seus herdeiros –, sem ignorar as que estiveram em contacto com ela, como as culturas das estepes do norte ou as das populações das fronteiras interiores. É também prestar atenção à forma como a história foi escrita – ou reescrita – nesta parte do mundo.

O presente livro tem como objectivo apresentar os grandes marcos históricos, institucionais e culturais da longa e rica história da China. Mas longevidade não significa imobilismo: mesmo que o sistema imperial chinês tenha conseguido manter-se por mais de dois mil anos, cada período e cada dinastia teve as suas particularidades em termos de instituições e produções culturais. São essas singularidades que nos esforçámos por sublinhar. Quisemos também dar destaque aos elementos que, actualmente na China, são considerados parte da cultura geral de todos. Esses elementos proporcionarão ao leitor uma melhor compreensão das referências culturais que podem surgir, por exemplo, nos meios de comunicação social, nos discursos políticos ou, mais simplesmente, no decorrer de uma conversa.

* * *

O autor agradece a Catherine Despeux, Claude Chevalerey e Olivier Venture pelas suas sugestões.

CAPÍTULO I

A China Antiga

I. A mitologia das origens e dos primeiros soberanos civilizadores

Na China, tal como noutras culturas, constituiu-se uma fecunda mitologia sobre as origens do mundo e os primeiros tempos da humanidade. Essas narrativas foram transmitidas em várias obras da Antiguidade, nomeadamente na grande obra do historiador Sima Qian (cerca de 145-86 a. C.), as *Memórias Históricas (Shiji)*, que oferecem uma história contínua da China desde a sua mais remota antiguidade lendária até ao reinado do imperador Wu da dinastia Han, contemporâneo do autor. Sima Qian faz o relato histórico de narrativas que lhe foram transmitidas, ordenando-as cronologicamente em forma de anais de reinados de soberanos e de sucessões de dinastias. Neste sentido, a sua narrativa mostra que uma série de monarcas civilizadores foi sucedida por três dinastias (*sandai* 三代), os Xia, os Shang e os Zhou, cuja existência foi confirmada por fontes epigráficas para o caso das duas últimas.

Voltemos ao início da humanidade. De acordo com Sima Qian, os seres humanos viviam uma existência

precária antes da chegada de três soberanos civilizados chamados os Três Augustos (*sanhuang* 三皇). O primeiro, Fuxi, uma criatura com corpo de serpente e cabeça de homem, ensinou aos humanos a caça, a pesca, a criação de gado, a escrita, os rituais sociais e, acima de tudo, a adivinhação e os trigramas do *Livro das Mutações* (*Yijing*). O segundo agosto foi uma criatura feminina, chamada Nüwa (ou Nügua), que, tal como Fuxi, tinha um corpo de serpente e era considerada, segundo as fontes, como irmã ou esposa deste último. Depois dela reinou Shennong, cujo nome significa «Agricultor Divino». Tinha o corpo de um homem e a cabeça de um boi. Patrono da agricultura, inventou os arados e as enxadas e foi a partir da sua época que os humanos começaram a semear e a colher.

Esses Três Augustos foram seguidos por cinco monarcas chamados os Cinco Soberanos (*wudi* 五帝), que são descritos como sendo totalmente humanos. São eles, respectivamente, o Soberano Amarelo (Huangdi), Zhuanxu, Ku, Yao e Shun. Apresentados nas fontes antigas como paradigmas de virtude e monarcas exemplares, os dois últimos são frequentemente citados nos discursos políticos antigos, nomeadamente porque Yao preferiu escolher um sucessor, neste caso Shun, não entre os seus parentes, mas sim fora da sua família. A sua escolha assentou no facto de ter reconhecido neste último as qualidades necessárias para se tornar um grande monarca. Assim, cedeu-lhe o trono ainda em vida. Shun, por sua vez, escolheu como sucessor Yu, o Grande, herói civilizador cujo nome está associado a grandiosas obras hidráulicas. A sucessão

hereditária ao trono na China começa com ele, sendo considerado na literatura antiga como o fundador da dinastia Xia.

As descobertas arqueológicas dos séculos xx e xxi contam uma história diferente, que só coincidirá, ainda que de forma muito imperfeita, com os relatos dos historiadores chineses da Antiguidade partir da dinastia Shang.

II. Os vários berços de civilização na China

Os vestígios de vida humana no território chinês remontam ao Paleolítico (Homem de Yuanmou, datado de 1,7 milhões de anos), sendo a descoberta mais famosa a do Homem de Pequim, que viveu há quinhentos mil anos num conjunto de cavernas em Zhoukoudian (a sul da actual Pequim). O Mesolítico é relativamente pouco conhecido, devido à falta de descobertas arqueológicas. O Neolítico, por sua vez, está bem representado, com berços localizados em muitas províncias da China actual, tanto no norte (bacia do rio Amarelo) como no sul (bacia do rio Yangtsé), e nas zonas costeiras: na actual Henan (cultura Yangshao, 5000-3000 a. C.), em Shandong (cultura Dawenkou, cultura Longshan), em Zhejiang (cultura Hemudu, 5500-3300 a. C.), em Guangdong (cultura Shixia), em Fujian e no norte de Taiwan (cultura Dapenkeng, 4000-2500 a. C.), em Jiangsu (cultura de Qingliangang,

4800-3600 a. C.), Sichuan (cultura de Daxi, por volta de 3000 a. C.), Yunnan (cultura de Baiyangcun, séculos XXII-XX a. C.). O Tibete também foi o local onde se desenvolveu a cultura Karuo (3000-1900 a. C.).

O local retrospectivamente considerado como centro primitivo da civilização chinesa está situado na Planície Central, ou seja, na bacia inferior do rio Amarelo, em torno do rio Luo.

III. Os primórdios da Idade do Bronze: Erlitou

Na década de 50, um vasto conjunto arqueológico foi descoberto em Erlitou, não muito longe da actual Luoyang (província de Henan). Esta cultura, datada dos anos 2000-1500 a. C., é marcada não só pela existência de uma arquitectura palaciana complexa – sinal de uma sociedade aristocrática –, mas também, entre outras coisas, por armas e recipientes de bronze que anunciam os primeiros estágios dos Shang. Embora nenhuma inscrição tenha sido descoberta nos sítios relacionados com a cultura de Erlitou, a sua localização geográfica e o período em que floresceu coincidem com a dinastia Xia descrita por Sima Qian. A hipótese de que se trataria realmente dos Xia é também consensual entre os historiadores chineses actuais, sendo que os especialistas ocidentais são mais reservados devido à ausência de testemunhos escritos contemporâneos.